

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA PARENTALIDADE E AS MANIFESTAÇÕES DO MAL-ESTAR NA CRIAÇÃO DOS FILHOS.

*Suellen Inocência Sousa¹
Renata Cristina Martins Rosa²*

RESUMO: A parentalidade engloba não só o contato com os filhos, vivenciado no momento presente, mas também toda a bagagem que os pais trazem desde a infância, como os medos, angústias, experiências parentais de cada um e as questões sociais e culturais que embarcam as relações. A presente pesquisa inclui temas como a história da família e suas mudanças ao longo do tempo, a contribuição psicanalítica sobre a parentalidade e o mal-estar contemporâneo na criação dos filhos, cujo objetivo é propor uma reflexão acerca dos elementos fundamentais do que se entende por parentalidade e as manifestações do mal-estar na criação de seus filhos. Realizou-se revisão bibliográfica qualitativa, utilizando bancos de dados virtuais como: Revistas Eletrônicas de Psicologia, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), assim como, obras literárias de acervo pessoal com autores que acrescentaram detalhes importantes para a construção desse projeto. Conclui-se que é dentro da família que o sujeito se identifica e se constitui como ser humano único, tendo origem nas gerações anteriores e delas recebendo influências. O mal-estar causado na criação advém da própria significação, buscas por garantias e discursos sociais que envolvem a parentalidade, pois a partir desse constructo social e subjetivo, há muitas questões psíquicas a serem reelaboradas pelos pais.

Palavras-chave: Criação de Filhos. Família. Gênero. Parentalidade. Psicanálise.

1. INTRODUÇÃO

A parentalidade é um termo que veio a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa desde a década de 60 para designar a construção relacional dos pais com os filhos. De acordo com o dicionário Aurélio da língua portuguesa, o significado de parentalidade diz sobre a característica do que é parental e do que se relaciona com as pessoas que cuidam de uma criança ou assumem este papel legalmente, podendo ser os pais, em conjunto ou separadamente (FERREIRA, 2004).

1 Graduanda em Psicologia, UNIFUCAMP; E-mail: suellenlpj@gmail.com

2 Professora Orientadora em Psicologia, UNIFUCAMP; Mestra em Educação Profissional Tecnológica, IFTM. E-mail: renata.rosa@unifucamp.edu.br

No entanto, nesse artigo, o termo será pesquisado sob um viés psicanalítico e social, que engloba não só o contato com os filhos, vivenciado no momento presente, mas também toda a bagagem que os pais trazem desde a infância, como os medos, angústias, experiências parentais de cada um e as questões sociais e culturais que embarcam as relações. Embora as dimensões intrínsecas do parentesco tenham sido estudadas por outras áreas do conhecimento como filosofia, sociologia e antropologia, no campo da psicologia e da psicanálise temos encontrado muitas pesquisas sobre processos psicológicos e mudanças subjetivas a partir do desejo de ter filhos (ZORNIG, 2010).

Roudinesco (2003) e Birman (2017) prolongam-se nessa temática ao investigar também as mudanças que ocorreram na construção da família ao longo da história. Os autores buscam compreender os três grandes períodos na evolução da família. A família tradicional é totalmente submetida a uma autoridade patriarcal e tem como objetivo a transmissão de um patrimônio. Entre os séculos XVIII e XX a família moderna é formada pelo amor romântico e na reciprocidade afetiva, em que o filho aparece como responsabilidade dos pais e do Estado. A família dita "pós-moderna" tem seu surgimento a partir da década de 1960, definindo-se em indivíduos que buscam uma maior satisfação sexual e relacionamentos conjugais baseadas no desejo de permanecerem juntos.

Nesse sentido, se a contemporaneidade se define pelo declínio das alusões simbólicas estáveis pela pluralização de leis e possibilidades de subjetivação, trespassar pela transição de tornar-se mãe e pai dependerá muito mais da história individual dos pais e de uma lógica do desejo do que um modelo tradicional de família nuclear, como no passado (ZORNIG, 2010). Dito isso, o presente artigo tem como objetivo entender a história da família e suas modificações ao longo do tempo, investigar o conceito de parentalidade pelo viés psicanalítico, e compreender o mal-estar contemporâneo na criação dos filhos, levando em consideração o questionamento da ideia de um modelo familiar ideal e a ambivalência dos afetos que podem surgir no processo parental.

Pode ser considerado que as mudanças na atualidade apresentam grande relevância para a pesquisa dos fatores sociais que favorecem a ambivalência de sentimentos no processo de tornar-se pai e mãe, desta maneira, quais serão as questões que levam os pais a vivenciarem essa fase da parentalidade com tantas angústias? Será que apesar das revoluções sexuais, as diligências em relação ao cuidado com os filhos ainda são ligadas somente a “mãe-mulher”? E a busca por respostas e garantias advindas da contemporaneidade, é um dos fatores que colaboram com esse mal-estar acometido pelos pais?

Destarte, os estudos a respeito da parentalidade e suas implicações se justifica ao vivenciar a experiência prática da Clínica Psicológica com mães e pais, tendo em vista, as grandes mudanças geracionais, as fantasias inconscientes e as lembranças que comparecem simbolicamente na enunciação das diferentes demandas que vão se apresentando em cada época, como também, a possibilidade que surge a partir desse artigo, de serem realizadas novas pesquisas de alunos e profissionais de diversas áreas que se interessam pelo tema.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 História da família e suas vicissitudes

A estrutura resultante do que se entende como família para cada um dos pais, fornecerá a base para o início da família, antes mesmo da chegada dos filhos. Os desdobramentos de como foi a história infantil e a concepção que os pais têm sobre si e sobre o outro, resultará na escolha do parceiro para a formação de uma família e em como eles iram lidar com o olhar subjetivo em correlação com a criação dos filhos (ROUDINESCO, 2003).

Segundo o psiquiatra Birman (2017), ao longo da história a família foi alcançando uma transformação em relação aos seus integrantes, problemas, prioridades e escala. Há três grandes períodos na evolução da família que podemos considerar, sendo eles: família pré-moderna ou tradicional (séc. XVI ao séc. XVIII),

família moderna (séc. XVIII a 1960) e família contemporânea ou pós-moderna (1960 até os dias atuais).

A família pré-moderna era composta por um modelo extremamente patriarcal, no qual o pai detinha um lugar absoluto e a figura da mãe habitava um lugar desqualificado, vista somente como reprodutora, de forma que a ordem da família se enquadrava dentro de uma concepção intensa sobre o poder voltado ao gênero masculino. As crianças eram representadas como pequenos adultos e os mais velhos tinham um lugar importante e eram vistos como guardiões da história.

No segundo período designado pela família moderna, a relação hierárquica do homem sobre a mulher é questionada, porém as mulheres continuam sendo representadas e fadadas à maternidade e a gestão do espaço doméstico, justificando-se que elas tinham um instinto e afeto maior que os homens quando se tratava da criação dos filhos e o cuidado com o lar, enquanto os homens, ficariam responsáveis pela gestão do espaço público.

Conforme Badinter (1985) ressalta, as mulheres ao longo da história são frequentemente relacionadas a sentimentos maternos. Por muito tempo, inclusive, as que eram incapazes de gerar uma criança em seu ventre poderiam ser vistas como inúteis para a família e a sociedade, já que, desde a infância, são educadas a nutrir sentimentos e comportamentos maternos com as inofensivas bonecas que ganham, representando bebês que necessitam ser cuidados por suas pequenas mães: dar mamadeira, chupeta, trocar fralda, enquanto os meninos, ganham bolas de futebol ou carrinhos.

A família contemporânea, por outro lado, é resultado direto da alta afirmação da mulher, o surgimento da pílula anticoncepcional e a maior eficácia dos métodos contraceptivos, possibilitaram a separação entre a sexualidade e a reprodução, no qual as mulheres buscaram novas identidades, não apenas no papel de mãe, mas também na gestão pública e na conquista de status social. Durante este período, a dissolução eterna do casamento é constituída não só pelo contrato, mas também pelo desejo de estabelecer uma relação conjugal e aqui os estilos de família monoparental e o divórcio tornaram-se muito comuns.

Felippi e Itaquí (2015) apontam que se deve considerar também que muitas famílias não são constituídas por laços matrimoniais formais, mas por união consensual, fato já reconhecido na constituição de 1988³, que ampliou o conceito de família para incluir entidades familiares constituídas por pais, casados ou não em união estável, e seus filhos. A nova constituição também reconhece como entidade familiar qualquer comunidade formada pelo pai ou pela mãe e seus descendentes.

Roudinesco (2003) enfatiza que independente das reconfigurações familiares, a família contemporânea em sua dimensão horizontal e em redes não só se mantém como uma estrutura organizadora e segura para seus membros, como se constitui em um espaço fundamental para a troca afetiva e a transmissão simbólica, representando o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar.

Nesse contexto de mudança atual e consequentes reestruturações familiares, cabe à parentalidade permitir-nos fazer novas conexões entre parentesco, entre as representações sociais herdadas ao longo do tempo e as tramas geracionais de base cultural que atravessam o tornar-se “pai” e “mãe” na contemporaneidade. Como pontua Rosa (2021), os sujeitos são influenciados pelo discurso social e o lugar que lhe é atribuído nos círculos sociais afetam sua individualidade.

2.2 Parentalidade

Em dezembro de 1958, em uma reunião da *American Psychoanalytic Society* na cidade de *Nova York*, a psicanalista húngara Therese Benedek redigiu uma palestra designada “*Parentalidade como uma fase de desenvolvimento: uma contribuição para a teoria da libido*” na qual se utiliza pela primeira vez e reflete sobre o termo “parentalidade” a partir de um panorama desenvolvimentista (IACONELLI, 2020).

Considerando as mudanças que ocorreram dos modelos de família, as condições paradoxais, sociais e históricas vão caracterizar a relação entre pais e filhos, pois enquanto o nascimento de um filho vem com a expectativa de que o filho

³ A Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 é a lei fundamental e suprema do Brasil, servindo de parâmetro de validade a todas as demais espécies normativas, situando-se no topo do ordenamento jurídico.

possa corrigir os erros da história parental, há uma ambivalência de emoções devido à história individual dos pais, a época em que eles estavam inseridos desde o seu nascimento e como cada um dos cônjuges percebe a ideia de ter filhos.

Em vista disso e como pontua Iaconelli (2020), o termo da parentalidade surge para constituir um “espectro” de acontecimentos que são mapeáveis em diferentes pontos e isso pode nos ajudar a limitar os ruídos na escuta das singularidades, mas não os generalizar. O termo “pai” e “mãe” são problematizados pela psicanálise já que produzem efeitos imaginários na clínica e na rotina. Para Lacan (1992 *apud* ARAÚJO, 2002), a família estabelece entre as gerações uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental. Assim, o sintoma da criança está relacionado ao vínculo pai e mãe.

Assumir os significantes “mãe” ou “pai” implica assumir uma posição na família, na sociedade e perante aquele que então é reconhecido como filho. Isso significa que cada um em sua cultura e história tem uma relação particular com esses termos, que pode ser um apego, remarcação ou oposição aos significados a eles atribuídos. Logo, quando nascemos a nossa essência é substituída por um nome e esse nome próprio é dado por alguém que vem cheio de desejo do Outro. A palavra vai criar um significante, e como participamos do mundo da linguagem, há sempre uma posição sobre os nomes que nos vinculam (GARRAFA, 2020). Como postula Carvalho e Chaterlard (2016), é no Outro, ou seja, em uma pessoa que exerce sobre mim uma função de determinação, que está o Inconsciente estruturado como uma linguagem.

Em um sentido mais abrangente, Garrafa (2020) ainda realça que, nomear a si mesmo como mãe ou pai de alguém muda a composição da família e pode abrir novas relações de parentesco. Ao contrário dos casos em que a função maternal é exercida por alguém que não tem tal domínio sobre a criança como os educadores dos serviços de acolhimento e famílias acolhedoras, a parentalidade implica inserir a criança numa cadeia familiar e nela assumir o papel de uma “dobradiça” intergeracional que articula o que se transmite ou não com o sobrenome.

De acordo com Zornig (2010), no processo de construção e constituição do sujeito, sempre há alguém o classificando e, cada indivíduo, a partir da elaboração de sua história individual, responderá de forma diferente ao que o processo parental provoca. Assim, a parentalidade é fortemente marcada pelas fantasias e fantasmas parentais, podendo ser exercida de forma criativa ou sintomática, tendo a função de transmitir a história transgeracional às gerações futuras ou de repetir sintomaticamente os segredos e conflitos passados.

Ao discorrer sobre a parentalidade por um viés psicanalítico, deve-se colocar, de um lado, a importância de escutar como a angústia emerge no fenômeno parental em cada sujeito e as respostas que a cultura tem produzido diante desse fenômeno em nossa época, de outro (IACONELLI, 2020).

2.3 Manifestações do mal-estar na criação dos filhos

Vinícius de Moraes (1990) em seu poema *Enjoadinho* dizia: “Filhos... Filhos/Melhor não tê-los/Mas se não os temos/Como sabê-los?/Noites de insônia/Cãs prematuras/Prantos convulsos/Meu Deus, salvai-o!/Filhos demo/Melhor não tê-los/Porém, que coisa louca, que coisa linda que os filhos são!”. Mesmo ocorrendo avanços em nossa sociedade, nunca houve um momento na história em que ter filhos fosse uma tarefa fácil, qualquer momento exemplar, cabido de perto, revelará os dilemas e ambivalências dos sentimentos provocados ao se arriscar a parentalidade.

A situação atual do consumo, a fome de imagem, o individualismo, a perda das garantias religiosas e o superinvestimento narcísico levantam novas questões para todos nós e que não devem deixar de ser consideradas quando pensamos no mal-estar próprio do nosso tempo. O apelo ao consumo tem feito com que os pais se esforcem para oferecer itens aos filhos à custa da ausência. A cultura da imagem e exibir fotos de atividades cotidianas traz a errônea impressão de que todos estão se divertindo e que os outros pais e mães estão indo impecavelmente bem, o que apesar de ser muito bem “instagramável”, é uma mentira editada e nefasta sobre

ideia de felicidade, propensa a incomodar os pais que já se sentem habitualmente culpados. Afinal, é difícil assumir uma tarefa que implica tanta dedicação aos outros, dado o culto do individualismo e à autorrealização (IACONELLI, 2019).

Segundo Zornig (2010), de todos os momentos críticos da conjugalidade, o mais agudo e radical é a chegada dos filhos. Desse modo, a ascendência de uma criança começa na história individual de cada pai e mãe; o anseio de ter filhos reativa suas fantasias infantis e o tipo de cuidado parental que podem ter recebido.

Nesse sentido, Dunker (2020, p. 51) ainda enfatiza que:

[...] a construção da paternidade e maternidade envolve o reconhecimento da diferença real, desse resíduo que existe entre as funções simbólicas e as expectativas imaginárias. Uma criança não deve ser apenas uma obra ou uma extensão narcísica de seus pais, tanto porque ela é um sujeito quanto porque nela habita a função do filho como objeto depositário e testemunha de gozo, projeções e expectativas dos outros. A economia moderna da parentalidade, consoante aos nossos processos de individualização, é que os filhos cresçam, se tornem autônomos e conquistem o mundo, e não que permaneçam dependentes de nós e nós deles. Mas há um resíduo dessa operação. Ao longo do crescimento dos filhos, a qualidade e a intensidade muda, há mães que se realizam com bebês, outras com a filha adolescente. Há parentalidades que só se resolvem quando os filhos crescem e saem de casa, outros que desmoronam quando o “ninho” se esvazia e o casamento se vê desprovido de sentido.

Como assinala Zornig (2010) e Dunker (2020), a chegada de um filho(a) traz um efeito imediato de investimento em uma função simbólica da qual já participamos até então, quando éramos respectivamente filhos de nossos pais. Nesse contexto, essa retificação do lugar infantil, nos deixa no lugar de nosso pai e de nossa mãe, assim como o bebê está no lugar do filho. Isso colabora na correção da história dos filhos, ou seja, tornar-se “pai” ou “mãe” é um processo separado; no tempo, na palavra e no corpo, e esse processo não linear pode colaborar com o mal-estar.

Em síntese, quando olhamos para a nossa infância, temos uma concepção de como nossos pais foram para nós e como eles nos criaram, e além disso, não podemos deixar de considerar que alguns sujeitos passam por diferentes experiências no cuidado com os filhos, por exemplo, nascer negro ou indígena, e estar em um ambiente social desfavorável significa ser afetado por esferas de

fenômenos muito diferentes da situação das crianças brancas nascidas em situação de invulnerabilidade social (IACONELLI, 2020).

Em contribuição sobre quando pensamos no mal-estar, Iaconelli (2019) ainda ressalta que é necessário fazer o luto do que se imagina ser mãe e pai, pois é nesse desencontro, entre sonho e realidade, que resultará uma crise maturativa, o que trará benefícios para os pais e filhos, já que um dos grandes problemas enfrentados na atualidade tem sido essa busca extrema por respostas e prevenções, e os filhos, aprendendo essa lição transmitida, infelizmente podem não se sentir confortáveis para se arriscar com a chegada da vida adulta, gerenciar a própria vida e constituir uma família.

3. METODOLOGIA

3.1 Tipo de estudo

Partindo dos pressupostos básicos que regem o presente trabalho, optou-se por uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo de análise, a fim de observar e registrar os fenômenos e fatos sobre a temática “O processo de construção da Parentalidade e o mal-estar na criação dos filhos”, a partir de artigos, revistas científicas e livros. Segundo GIL (2002, p. 44) “os livros constituem as fontes bibliográficas por excelência. Em função de sua forma de utilização, podem ser classificados como de leitura corrente ou de referência.”

De acordo com Lima e Miotto (2007, apud PIZZANI *et al*, 2012), a pesquisa bibliográfica é uma parte indispensável antes da construção ou elaboração de um estudo, artigo, tese ou dissertação. Esta primeira parte não pode ser feita por acaso, por esse motivo deve haver um conjunto ordenado de métodos de busca e pesquisa atentos ao objeto de estudo. Quando uma pesquisa bibliográfica é bem realizada, ela é capaz de proporcionar, principalmente em temas pouco estudados, a suposições de hipóteses ou interpretações que servirão como ponto de partida para outras pesquisas.

3.2 Amostra, local e período de pesquisa

Para elaboração dessa pesquisa foram feitas consultas em bancos de dados virtuais como: Revistas Eletrônicas de Psicologia e Psicanálise, Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPSIC), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). Além disso, utilizou-se algumas obras literárias de autores que acrescentaram detalhes importantes para a construção desse projeto, sendo eles, “Parentalidade” que contém 7 artigos organizados pela Daniela Teperman, Thais Garrafa e Vera laconelli (2020), “O infamiliar na contemporaneidade: o que faz a família hoje?” de Maria Rita Kehl, Julieta Jerusalinsky, Ana Suy e outros autores. Foi utilizado também a obra cinematográfica “Paternidade (2021)”, baseado no livro “Two Kisses for Maddy: A Memoir of Love & Loss”, de Matt Logelin.

A pesquisa iniciou em fevereiro de 2022, finalizando em dezembro de 2022. Para desenvolvimento desse estudo considerou-se o periódico dos 10 últimos anos, mas se estendendo e utilizando também dois artigos específicos de 2000 e 2010, que trouxe grandes contribuições para a pesquisa em questão.

3.3 Critérios de inclusão e exclusão:

Como critérios de inclusão foram executados artigos que fizessem discernimento ao assunto e tema principal da pesquisa; aos objetivos específicos assim como às palavras chaves: gênero e criação de filhos, família, mal-estar contemporâneo e psicanálise, parentalidade, sendo suprimidos todos os artigos que não relacionassem inteiramente ao contexto da pesquisa.

3.4 Procedimentos de Coleta de Dados

O procedimento da coleta de dados deu-se mediante a leitura de artigos, livros e alguns periódicos, utilizando um “checklist”, no qual se buscou filtrar temas como título do artigo, ano, resultados e discussões, objetivos, nos quais se fizesse uma conexão com o tema desta pesquisa.

3.5 Procedimentos de Análise de Dados

Foi utilizado o procedimento qualitativo de análise, que indica um aprimoramento diante do tema tratado, ao qual se consentiu uma interpretação precisa por meio da leitura realizada durante a execução da pesquisa.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do referencial apresentado, Kamers (2021) aponta que Lacan (1938) entende a família como uma instituição social de estrutura complexa, que não pode ser reduzida a um fator biológico ou a um componente teórico da sociedade, mas como uma instituição social privilegiada que colabora na transmissão da cultura. Conforme argumenta o autor pós-freudiano, entre todos os grupos humanos, a família desempenha um papel fundamental na transmissão da cultura, dirigindo os principais processos do desenvolvimento psíquico.

Segundo Granjon (2000), a família por meio das gerações e alianças é o lugar e o aparelho psíquico de transmissão da herança recebida e formação de seus componentes, cada qual tendo seu lugar na cadeia das gerações. A realidade psíquica desse grupo e de seus sujeitos constituintes, juntamente com as formações e processos inconscientes que o mobilizam nesse espaço, constituem seu caráter, identidade e constância. A articulação de diferentes campos psíquicos implica na formação de complexos dispositivos psíquicos familiares e/ou grupais, denominados “envelopes”, que organizam seu próprio espaço e tempo, além de funções reguladoras.

As revoluções sociais e sexuais dos últimos tempos ocasionaram em uma reconfiguração do modelo ideal do que se entende por família, ter e cuidar dos filhos não deveria mais ser uma função exclusivamente feminina. À vista disso, Rosa (2020) dialogando com Batinder (1985), enfatiza que embora vivemos em uma época que as questões de gênero e parentesco têm sido amplamente questionadas, a idealização ainda está muito presente no imaginário social atual, o que mantém o modelo patriarcal da unidade familiar heterossexual, com as funções parentais associadas ao papel de pai e mãe, ofuscando seus conflitos, relações de poder e violência.

É importante considerar que, ainda hoje para a sociedade, os filhos são colocados como extensões da mãe, e para além de comportamentos clássicos da hiper-responsabilização materna sobre o bem-estar, cuidado e criação das crianças, observamos socialmente expressões mais sutis dessa dinâmica. Quantas vezes escutamos a frase: “Quer agradar uma mãe, então agrade o filho”? Parece um apontamento inocente, mas quando colidimos na sua concretização em atitudes sociais e paternas, percebemos que está longe de mera forma de falar (ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge, 2016).

Para melhor refletir sobre essa crítica em relação ao gênero e a parentalidade, recorre-se a obra cinematográfica *Paternidade* (2021) baseado no livro *Two Kisses for Maddy: A Memoir of Love & Loss* (2011), de Matt Logelin, o filme é inspirado em uma história real, na qual após perder a esposa depois do parto, Matthew fica responsável por criar sozinho a sua filha Maddy. Contudo, por ele ser do gênero masculino, é desacreditado por grande parte da família e pela sociedade de que consiga cumprir essa tarefa.

Ao realizar um recorte histórico sobre os discursos sociais em torno da maternidade, Carvalho (2020) verificou que as concepções de maternidade consolidadas pela Modernidade ainda estão em vigor, de modo a naturalizar e centralizar as “mulheres-mães” na responsabilização pelos cuidados infantis, ofuscando outras figuras sociais, como pais e membros da comunidade nos cuidados com os filhos.

Por mais que na atualidade estejamos pensando a criação dos filhos por um viés mais crítico-histórico e não direcionado somente às mães, a função de cuidar ainda é relacionada fortemente ao gênero feminino (CARVALHO, 2020). Além disso, a relação pai/criança fica diretamente comprometida e, infelizmente, esse cenário, descrito no filme em questão, é comum numa cultura que chancela institucionalmente o cuidado como instintivo feminino e a criança como um apêndice materno.

Referente a transmissão geracional, para Zornig (2010), a experiência de construir uma família não deve ser diminuída apenas à conjugalidade e ao nascimento de um filho, pois as identificações da própria infância afetaram os pais. Em 1914, Freud propõe que o amor parental nada mais é do que uma reprodução do narcisismo dos pais, que colocaram o filho em um lugar de “Sua Majestade, o Bebê”, buscando, ter um resgate do próprio narcisismo infantil perdido, mediante a valorização afetiva da criança. O autor preza o lugar que a criança ocupa na psique dos pais especialmente a função de "reparar", costurando as feridas narcísicas dos próprios pais. Dessa forma, pensar em conceber um filho põe em movimento aspectos do narcisismo de cada um dos pais, bem como suas memórias e fantasias sobre suas relações primárias.

Nesse sentido, Teperman (2020) ainda traz uma contribuição importante no seu texto *“Parentalidade para todos, não sem a família de cada um”*, ao discorrer que na parentalidade há sempre algo que escapa, um resto que persiste, e essa reformulação pode resultar no mal-estar causado pelos pais na criação dos filhos. Ela ainda ressalta que como a individuação não se arma independentemente do liame social e de suas modificações, cada indivíduo, ao assumir as funções maternas e paternas, enfrenta a necessidade urgente de interceptar o discurso social imposto de seu tempo sobre como criar os filhos e fazê-lo de um lugar próprio, explicado pelo sentido da singularidade.

Segundo a autora, quando os pais não o fazem dessa forma, mas por meio dos “manuais de instruções”, sua criança (aqui a questão é: qual criança?) fica sujeita a ideais e necessidades regidas pelo discurso social e sem recursos para

enfrentar a possibilidade da educação que não deixa de existir. Os manuais prontos nos quais contêm passo a passo de como criar filhos, corroboram na ansiedade advinda dessa fase, visto que eles são direcionados para modelos preestabelecidos de família, contudo isso não é possível quando analisamos as diferenças sociais e culturais existentes.

Iaconelli (2020) tem uma pesquisa vasta sobre Parentalidade, e colabora com a ideia de Teperman (2020) ao apontar que os pais esperam que eles mesmos, como educadores primários, sejam um espelho para a próxima geração, projetando nos filhos o que muitas vezes não conseguiram se transformar. Para exemplificar, podemos pensar nos pais que desejam que seus filhos tenham uma paixão pela literatura comprando livros ou lendo para eles, mas que não o fazem para si próprios, ou seja, as chances desse desejo narcísico se concretizar são mínimas, pois a criança não aprende com o discurso, mas sim, observando. De certa forma, a projeção se torna necessária, pois é projetando que se ama, mas é imprescindível compreender o espaço entre o que é projetado e o que a realidade se apresenta, pois isso possibilita vivenciar o paradoxo entre o “não era bem isso, mas eu continuo te amando”.

Nesse sentido, se torna muito importante o luto da idealização do que se esperava do filho(a) e o que ele se apresenta na realidade em conjunto aos desafios da criação. Conforme Simão (2019), é preciso vivenciar o processo de luto do filho “perfeito” para que seja possível nutrir um vínculo de amor e cuidado com o filho que nasce e criar possibilidades de ir aprendendo essa fase com mais espontaneidade.

No artigo de Lima (2012) intitulado *Sobre o sentimento de culpa. Que culpa é essa?* a autora discorre que os pais atribuem obsessivamente ao filho todas as supostas perfeições, esquecendo de suas próprias carências e limitações. Desta forma, suspendem, em nome da criança o funcionamento das aquisições culturais que deviam respeitar. A criança herda os bons sonhos e desejos não realizados dos pais. Freud lembra que a formação de um ideal de si no indivíduo para o qual a consciência tentará alcançá-lo, resulta da influência crítica de seus pais, que o transmitem por meio de sua voz.

Os autores Zornig (2010), Marcos (2016) e Dunker (2020) também evidenciam em suas pesquisas que a conjectura freudiana referente ao complexo de Édipo⁴ e o narcisismo⁵ podem fornecer indicações relevantes para a reflexão sobre o processo de constituição da subjetividade dos sujeitos, principalmente quando destaca como esse fator infantil persiste no psiquismo adulto, o que transmite uma herança geracional e como estas reformulações vão ser interpretadas. Dessa forma, os espaços parentais são vistos como lugares de troca em que cada parceiro desenvolve e reflete suas próprias partes, podendo haver momentos de fusão e diferenciação entre eles. As estruturas formadas por essas trocas servirão de base para a constituição de uma família antes do nascimento dos filhos.

Rehbein e Chatelard (2013) assinalam que, a transmissão psíquica das gerações ocorre por meio de processos psicológicos inconscientes que formam a subjetividade por intermédio da linguagem e do simbolismo e, também, nas dimensões imaginárias e reais, e nos laços familiares intergeracionais. Segundo as autoras, a transmissão psíquica se dá por mecanismos de identificação e pelo investimento libidinal de representações delirantes que procedem de uma forma de organização do psiquismo do sujeito. Assim, o transgeracionalismo traz a alienação dos objetos e, conseqüentemente, a intensidade de sua influência destrutiva como resultado de trauma psíquico acumulado. Estas, também hereditárias, referem-se à perda ou limitação de elementos que garantem menções sociais e metapsíquicas.

Como indica Carvalho (2020), a contemporaneidade é marcada pela tensão entre o legado de valores antigos e modernos, enraizados no imaginário, nos costumes sociais e nas transformações revolucionárias associadas a conjectura familiar, agora caracterizado pela diversidade dos seus membros. Porém parece que não apenas a constituição psíquica, mas também a evolução histórica da humanidade consiste na coexistência de transgeração e alteridade, assim como

4 Na psicanálise, o Complexo de Édipo, é um conceito criado pelo psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-1939). Ele foi embasado na tragédia grega Édipo Rei, de Sófocles (ZANETTI, 2016).

5 Em 1914, o termo entra definitivamente para o discurso psicanalítico, quando Freud (1914-1974) abre caminho para o entendimento do narcisismo como elemento constitutivo do amor-próprio e da autoestima e, portanto, destinado à autopreservação do sujeito e formação dos laços sociais (MARCOS, 2016).

tradição e inovação em um movimento de repetição que transmuda o arcaico no novo.

Diante do que foi exposto até aqui, percebe-se que o mal-estar causado nos pais na parentalidade acontece em grande proporção, por esse lugar que os filhos ocupam na psique dos pais advinda da transmissão psíquica familiar, em conjunto com as representações das funções maternas e paternas que receberam um significado para cada um dos cônjuges durante sua história de vida pessoal, como também, a influência da produção cultural que se apresenta por meio das mídias sociais sobre o que é ser uma “mãe” e “pai” ideal, e as expectativas que eles têm em torno dessas “regras” ditadas.

Contudo, o presente estudo não respondeu todas as possibilidades de pesquisa que envolve a Parentalidade, fato que leva a sugerir a realização de outros fatores importantes envolvendo o tema, visto se tratar de um tema extremamente relevante e muito amplo, que sempre é abordado na Clínica Psicológica por mães e pais para reelaboração das ações que constituem o sujeito e sua vivência com os filhos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo propôs compreender, por meio da revisão bibliográfica, as modificações familiares ao longo do tempo, a representação da parentalidade por um viés psicanalítico e o mal-estar contemporâneo causado diante a criação dos filhos. Partindo desse objetivo, surge o questionamento do porquê essa fase é vivenciada com tantas angústias, levantando a hipótese que a busca por garantias advindas da contemporaneidade é um dos fatores que podem colaborar com as manifestações do mal-estar acometido pelos pais na criação, e que apesar das revoluções sexuais, o esforço em relação ao cuidado com os filhos ainda é mais vinculado à mulher.

Observa-se, pela análise do referencial utilizado, que embora o mal-estar na parentalidade embarque os anseios, angústias, medos e fantasmas parentais; para

os pais os filhos ainda são vistos como extensores das mães e o cuidado destes se direcionam em maior escala a elas. Precisamos considerar que a responsabilidade não é única e exclusiva da mulher, pois ela necessita de uma rede de apoio. Quando romantizamos a maternidade lança-se sobre a figura da mulher um peso sufocante em relação ao seu próprio desenvolvimento psíquico.

A priori, se torna necessário, que os pais reflitam sobre suas motivações internas e externas individuais advindas dos conteúdos geracionais, para que possam compreender os atravessamentos da influência dos laços familiares e relações interpessoais que o constituíram como sujeito. Com o intuito de experienciar essa fase de tornar-se mãe e tornar-se pai com menos angústias, é essencial que os pais compreendam as idealizações que surgem diante dos filhos(as), em contraponto ao que o real e suas limitações se apresentam.

Simultaneamente, é imprescindível nos atendimentos da Clínica Psicológica, considerar como foi a história infantil dos pais que chegam até nós e como as funções parentais situa-se para eles, além daquilo que a sociedade espera que seja, pois certamente isso facilitará a escuta terapêutica na busca da veracidade do que está sendo dito diante das expectativas irreais, repetições, medos e frustrações abordadas.

Conclui-se que a parentalidade é inventada de forma única a partir da mitologia da família, das narrativas de sua própria cultura e da estrutura individual que orienta a chegada de um filho. É dentro da sua família que o sujeito se identifica e se constitui como ser humano único, tendo origem nas gerações anteriores e delas recebendo influências.

Entretanto, ficou evidente, que o mal-estar causado na criação dos filhos advém da própria significação e discursos sociais da parentalidade, em que sua constituição se dá por meio das relações que cada um estabelece, as quais são permeadas por uma determinada história cultural e social, repercutindo em muitas questões a serem reelaboradas pelos pais. Por mais que a parentalidade seja um termo que surgiu para designar tanto a relação da mãe com o filho, mas também como o pai lida com essa fase, é possível avaliar, por meio desse estudo, que as

pesquisas que envolvem a parentalidade são em sua maioria centralizada na figura da mãe. Assinala-se, portanto, que há uma escassez de estudos mais recentes e menos generalizados referente a responsabilidade paterna e todas as angústias que são vivenciadas por estes ao lidarem com a parentalidade.

ABSTRACT: Parenting includes not only contact with children, experienced in the present moment, but also all past experiences that parents bring since their childhood, such as fears, anxieties, their own parenting experiences and the social and cultural issues that encompasses relationships. This research includes topics such as family history and its changes over time, the psychoanalytic contribution to parenting and the contemporary uneasiness in raising children, whose objective is to propose a reflection on the fundamental elements of what is understood by parenting and manifestations of uneasiness in raising their children. A qualitative bibliographic review was carried out, using virtual databases such as: Psychology e-Journals, Scientific Electronic Library Online (SciELO), as well as literature articles from personal collections with authors who contributed with important details to the construction of this research. We concluded that the subject identifies, and constitutes himself as a unique human being, within the family, originating from previous generations and receiving influences from them. The uneasiness caused by parenting comes from the meaning itself, searches for guarantees and social discourses that involve parenting, because from this social and subjective representation, there are many psychic issues to be reworked by the parents.

Keywords: Raising Children. Family. Genre. Parenting. Psychoanalysis.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria das Graças. Considerações sobre o narcisismo. **Estud. psicanal.**, Belo Horizonte n. 34, p. 79-82, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 nov. de 2022.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado:** o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BIRMAN, Joel. Café Filosófico. **A evolução da família.** (Youtube). 4 de maio de 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=74uaghxns>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

CARVALHO, Helena Barbosa. **Maternidade, ambiente e psicanálise: um estudo dos atravessamentos culturais na maternidade contemporânea.** 2020. 129 f., il. Dissertação (Mestrado em Psicologia) —Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

CARVALHO, Isalena Santos; CHATELARD, Daniela Scheinkman. O nome: um direito ou um dever?. **Revista de Psicanálise Stylus**, n. 32, p. 139-149, 2016.

DUNKER, Christian Ingo. **Economia libidinal da parentalidade.** In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; et al (Org.). Parentalidade. 1. ed. São Paulo: Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 39-53.

FELIPPI, Geisa; ITAQUI, Luciara Gervasio. **Transformações dos laços vinculares na família: uma perspectiva psicanalítica.** Pensando fam., Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 105-113, jun. 2015. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2015000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 31 de set. de 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Míni Aurélio: O dicionário da língua portuguesa.** 6 ed. Curitiba: Editora Positivo Ltda, 2004.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** Obras completas, v.1. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GARRAFA, Thais. **Primeiros tempos da parentalidade.** In: IACONELLI, Vera; TEPERMAN, Daniela; et al (Org.). Parentalidade. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 55-69.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GRANJON, Evelyn. **A elaboração do tempo genealógico no espaço do tratamento da terapia familiar psicanalítica. Os avatares da transmissão psíquica geracional.** São Paulo: Escuta, v. 1, p. 17-43, 2000.

IACONELLI, Vera. **Criar filhos no século XXI.** 1.ed. São Paulo: Contexto, 2019.

IACONELLI, Vera. **Sobre as origens: muito além de mãe.** In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; et al (Org.). Parentalidade. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 11-20.

KAMERS, Michele. **As configurações da família e o estatuto simbólico das funções parentais.** In: MENA, Luiz (Org.). O infamiliar na contemporaneidade: o que faz a família hoje? 1. ed. Salvador: Álgama, 2021. p. 79-98.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Sobre o sentimento de culpa: Que culpa é essa?** *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte. n. 38, p. 53-58, dez. 2012. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010034372012000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 19 de out. de 2022.

MARCOS, Cristina Moreira. **A introdução do narcisismo na metapsicologia e suas consequências clínicas.** *Analytica: Revista De Psicanálise*, 5(8), 6–30, 2016. Recuperado de <http://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/1566>. Acesso em 20 de out. De 2022.

MARCOS, Cristina Moreira. **O desejo de ter um filho e a mulher hoje.** *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 246-256, dez. 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S217648912017000200010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 de nov. de 2022.

PIZZANI, Luciana; *et al.* A arte da pesquisa bibliográfica na busca do conhecimento. **Ver. Dig. Bibl. Ci. Inf.** V. 10, n. 1, p. 53-66, Jul/Dez. Campinas – SP, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>.

REHBEIN, Mauro; CHATELARD, Daniela. Transgeracionalidade psíquica: uma revisão de literatura. **Fractal: Revista de Psicologia [online]**. 2013, v. 25, n. 3, pp. 563-583. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000300010>. Acesso em 20 de out. de 2022.

ROSA, Miriam Debieux. **Passa anel: famílias, transmissão e tradição.** In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; et al (Org.). *Parentalidade*. 1. ed. São Paulo: Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 23-37.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

SIMÃO, Maria da Conceição. **A compreensão da psicanálise na vivência do luto materno frente a perda do filho idealizado.** Esp. Emília Suitbert de Oliveira Trigueiro. 2019. 21. Trabalho de conclusão de curso – Curso de Psicologia, Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, Juazeiro do Norte/CE. Disponível em: <https://leaosampaio.edu.br/repositoriobibli/tcc/MARIA%20DA%20CONCEI%C3%87%C3%83O%20FERREIRA%20SIM%C3%83O.pdf>. Acesso 30 de out. de 2022.

TEPERMAN, Daniela. **Parentalidade para todos, não sem a família de cada um.** In: TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; et al (Org.). *Parentalidade*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. p. 89-105.

ZANELLO, Valeska; PORTO, Madge. **Dispositivo materno e processos de subjetivação**: desafios para a psicologia. 1.ed. Brasília: CFP, 2016.

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; HÖFIG, Julia Archangelo Guimarães. Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 36, p. 696-708, 2016.

ZORNIG, Silvia Maria Abu-Jamra. **Tornar-se pai, tornar-se mãe**: o processo de construção da parentalidade. Tempo psicanal., Rio de Janeiro, v. 42,n. 2, p. 453-470, jun. 2010 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000200010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 10 set. 2022.